

A RELAÇÃO ENTRE A TÉCNICA E A POLÍTICA: LUTA DE CLASSES EM "O HOMEM QUE VIA O FUTURO DO LIXO"

The relationship between technique and politics: class struggle in "the man who saw the future of garbage"

La relación entre técnica y política: lucha de clases en "el hombre que vio el futuro de la basura"

Ferraz, J. M. & Iasi, M. L. (2022). A relação entre a técnica e a política: luta de classes em "o homem que via o futuro do lixo". *Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup.*, 6(4), 1245-1250. DOI: 10.47222/2526-3544.rbto54126

Janaynna de Moura Ferraz 

<https://orcid.org/0000-0003-3668-4195>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Departamento de Ciências Administrativas
Natal, RN, Brasil

Mauro Luis Iasi 

<https://orcid.org/0000-0002-5802-6866>

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Departamento de Política Social e Serviço Social Aplicado Social
Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Resumo

Objetivo: Refletir acerca da relação indissociável, embora pouco explícita, entre o domínio da técnica e as implicações políticas nas atividades profissionais, mais especificamente, a partir da tensão entre saúde pública e a luta de classes. **Descrição da imagem:** Trata-se da charge 32 da série "O homem que via o futuro do lixo", do professor Mauro Iasi, que ilustra uma profissional de saúde - diante do contexto da pandemia da Covid-19 - preocupada com o futuro, mas é alertada: não depende apenas do esforço aplicado, mas correlação de forças.

Palavras-chave: Técnica. Política. Terapia ocupacional/tendências. Saúde Pública

Abstract

Aim: To reflect on the inseparable relationship, although not very explicit, between the domain of technique and the political implications in professional activities, more specifically, from the tension between public health and the class struggle. **Image description:** This is charge 32 of the series "The man who saw the future of garbage", by Professor Mauro Iasi, which illustrates a health professional - in the context of the Covid-19 pandemic - worried about the future, but it is warned: it does not depend only on the applied effort, but on the correlation of forces.

Keywords: Technique. Politics. Occupational therapy/trends

Resumen

Objetivo: Reflexionar sobre la relación inseparable, aunque poco explícita, entre el dominio de la técnica y las implicaciones políticas en las actividades profesionales, más específicamente, desde la tensión entre la salud pública y la lucha de clases. **Descripción de la imagen:** Este es el cargo 32 de la serie "El hombre que vio el futuro de la basura", del profesor Mauro Iasi, que ilustra a un profesional de la salud -en el contexto de la pandemia del Covid-19- preocupado por el futuro, pero es advertido: no depende sólo del esfuerzo aplicado, sino de la correlación de fuerzas.

Palabras clave: Técnica. Política. Terapia ocupacional/tendencias.

1. Introdução

A capa traz a charge da série "O homem que via o futuro do lixo", de Mauro Iasi (2022), trata-se do número 32 da série, da qual já foram publicadas 48 até o dia da escrita desse texto. O conjunto dessas charges foi produzido durante o período do Governo Empresarial-Militar de Jair Bolsonaro e Mourão e os temas envolvem, na maior parte das vezes, os atos do governo e a Pandemia da Covid-19, que dispensa apresentações, e que ainda persiste.

O contexto da crise generalizada do capital em pleno 2022, no Brasil (carestia, inflação, desemprego, quase 700 mil mortos), foi manipulado por uma falsa dicotomia repetida *ad nauseam* "economia ou vida", ou, recolocando no termo correto, "lucro acima da vida", que nos fez a questionar como a saúde pode se tornar uma "escolha" a ser feita, tal como se fosse um produto em prateleira. Afinal: como pensar a saúde em tempos de capitalismo?

Partimos da concepção de ser social, que emerge do conjunto da obra de Karl Marx. O ser social, cuja essência não é dada *a priori*, é constituído a partir do mundo material, em que a objetividade e a subjetividade são pares dialético e não dimensões separadas (tal dicotomia entre corpo e mente), são, portanto, movimento, um vir a ser (Marx, 2017).

Tal concepção de ser social foi desenvolvida pelo filósofo húngaro, Georg Lukács, como também pelo filósofo brasileiro Álvaro Vieira Pinto, marxistas valorosos, que, ainda que ambos apresentem elementos, por vezes, distintos do próprio Marx, têm contribuições importantes para pensar o mundo na atualidade. Nos interessa, em especial, a discussão que eles oferecem acerca da relação entre a objetividade e a subjetividade, em como o mundo das coisas condiciona – sem determinar – a formação dos indivíduos, e da individualidade.

A discussão entre a objetividade e subjetividade enseja a reflexão acerca da técnica, isto é, um ato humano – que é natureza ativa – de transformar o mundo ao seu redor, e que, portanto, é inerente ao processo de individuação (Lukács, 2013). Contudo, tal processo, dado o estágio atual da luta de classes, faz parecer as técnicas como se fossem apartadas dos homens e mulheres que a produziram, tal como se fosse a técnica (e a tecnologia, como desdobramento) que produzisse o mundo, e não como é, o seu oposto (Pinto, 2005), isto é, não é a técnica que produz o ser social, é o ser social, em suas relações de (re)produção da vida, que desenvolve o conjunto de técnicas necessárias para viver.

Por isso, não há técnica neutra; há, sim, um fetiche da tecnologia, uma vez que o papel que a técnica e tecnologia desempenha nos dias atuais é primordial para a atividade produtiva, mas que se trata apenas de mediação, e não finalidade, afinal são as pessoas que criam a tecnologia e não o oposto (Novaes & Dagnino, 2004). E é esse o motivo nevrálgico que nos leva a refletir acerca da relação indissociável, embora pouco explícita, entre o domínio da técnica e as implicações políticas nas atividades profissionais, mais especificamente, a saúde (pública), enquanto uma técnica, e as implicações político-econômicas

dessa relação. Uma vez que toda técnica está relacionada com um modo produção e, no nosso tempo, a sociabilidade tem sido a capitalista, faz-se necessário, portanto, considerar essa determinação no exame das técnicas e políticas de saúde. Saúde, nesses termos –enquanto uma técnica proveniente da ação humana sobre o mundo –, não se limita à ausência de doenças, mas a condições de existência que propiciem um devir emancipatório do ser social.

2. Saúde Pública e luta de classes: a relação entre a técnica e a política

A charge que ilustra a capa nos possibilita pensar em como a técnica, neste caso, o conjunto de atividades ligadas à ciência da saúde – enfermagem, farmácia, fisioterapia, medicina, odontologia, psicologia, terapia ocupacional, entre tantas outras, carrega as contradições de, ao mesmo tempo, resultar da produção de conhecimento acumulada ao longo da História, mas, contraditoriamente, dada à mercantilização, não estar disponível para parte significativa da população.

Assim, o campo da saúde materializa o progresso acumulado das técnicas, mas, por outro lado, reproduz o modo de produção capitalista. Como Marx (2013) explica n' *O Capital*, o processo de trabalho (a consulta, o tratamento, a sessão etc.) ocorre simultaneamente ao processo de valor (exploração dos profissionais de saúde, disputa pelo fundo público, precarização do SUS). Por isso, a técnica não é neutra, e, por isso, não se pode pensar em saúde sem considerar a luta de classes que a movimenta.

A ciência da saúde, enquanto uma técnica moderna, profundamente relacionada com a chamada "inovação", que representa progresso tecnológico, materializa o fetiche da tecnologia e, como nos ensina Pinto (2005), tal espanto diante da tecnologização da ciência faz parecer que são os robôs, os computadores e as máquinas o "Deus ex machina" da civilização, quando sabemos que a máquina materializa a capacidade de abstração inerente ao ser social; o progresso tecnológico e a capacidade de desenvolver novas técnicas são inerentes à história da humanidade, então, se há algo efetivamente novo na modernidade, é a capacidade da classe capitalista de inverter a apreensão da realidade, como em qualquer ideologia. E é esse um dos principais motivos que possibilita a afirmação de uma pretensa neutralidade na execução dos ofícios e profissionais. Analisemos mais detidamente a partir da charge.

Na charge da capa, "O homem que via o futuro do lixo", a profissional de saúde – diante do contexto da pandemia da Covid-19 – preocupada com o futuro, pois fez "tudo isso" e, mesmo assim, o "futuro vai para o lixo", não entende como, depois de todo o esforço aplicado, é possível que o fim não seja conforme o esperado. Ela seguiu todos os protocolos, aplicou todo o conhecimento que lhe foi ensinado. Como algo pode ter dado errado? Mas um enfrentamento ocorria a despeito da excelência laboral da nossa valente profissional de saúde, por isso, o homem da charge explica, "você está fazendo todo o possível", porém "tem gente fazendo tudo para jogar nosso futuro no lixo". Ou seja, há uma disputa, uma batalha sendo travada pelo futuro, há gente, intencionalmente, agindo para que o amanhã não exista. Essa luta é a luta de classes e esse futuro tem a ver com o modo como produzimos e reproduzimos nossa existência, é aqui que entra a técnica como desdobramento das relações sociais.

Antes de seguir para um breve apontamento sobre a terapia ocupacional, enquanto uma técnica passível de politização, devemos exemplificar o argumento acima. Imaginemos que a profissional de saúde da charge represente a saúde pública brasileira no momento da Covid-19, que iniciou em março de 2020, mas ainda não acabou. A situação é de sucateamento do Sistema Único de Saúde, intensificado pela aprovação da Proposta de Emenda Constitucional 95/2016 (PEC do teto de gastos, ou PEC da morte, se quisermos nomear mais adequadamente), poucos profissionais para o volume de pacientes, escassez de equipamentos de proteção individual (por falta de disponibilidade no mercado global ou apenas descaso), recursos insuficientes, seja pela negligência ou omissão, ou, o que é ainda pior, intencionalidade em fazer da saúde um caos, um plano de morte, e não de vida. Os esforços desses profissionais (dias e noites trabalhando, sem parar, em condições precárias) encontram limites nas decisões políticas dos governantes, que, por sua vez, dado o papel do Estado na dinâmica capitalista, atuam em harmonia com os interesses da classe capitalista e é por isso que estiveram mais preocupados com a manutenção da “economia [capitalista]”, pois este seria, segundo eles, o único meio para que a classe trabalhadora continue viva: garantir o lucro dos capitalistas. E a saúde, como fica?

Assim, trazendo o contexto pandêmico (mas não apenas, o período pandêmico foi apenas para demarcar um momento de agudização da crise) para o campo da saúde, mais especificamente, contemplando este presente número, ressaltamos o exemplo da terapia ocupacional, com sua atividade estreitamente relacionada com a das tarefas e ações cotidianas e com o modo como as pessoas (re)produzem suas ocupações, o que culmina com a necessidade de considerar a luta de classes e as desigualdade sociais inerentes às condições materiais de existência no seu ofício. Os profissionais de TO têm se mostrado fundamentais durante todo o período, seja no trato da saúde mental, da saúde física ou na promoção das atividades cotidianas modificadas pela pandemia (Malfitano et al., 2020), isto é, a técnica colocada a serviço da necessidade da população, mas esses autores também alertam sobre a necessidade de considerar a dimensão da desigualdade social, a partir da defesa da seguridade social, dentro de um quadro mais amplo que engloba os direitos sociais.

Partindo dessa dimensão social da desigualdade, mas indo além dela, argumentamos que, dentro da realidade capitalista, o horizonte mais otimista possível é a redução da desigualdade. Mas, diferente disso, o que pudemos observar com os acontecimentos recentes é que toda a ciência e toda técnica existente não têm sido capazes de conter a barbárie de um futuro que só pode acabar no lixo.

As vacinas contra a Covid-19, por exemplo, foram elaboradas e produzidas em tempo recorde, a maior parte das pesquisas com dinheiro público – que será apropriado privadamente por meia dúzia de homens brancos que moram nos países imperialistas – não chegou e demorará a chegar para uma enorme parcela da população, países ricos adquiriram vacinas para imunizar toda a sua população e já estão na 4ª dose, enquanto países de economia dependentes seguem sem previsão de um combate efetivo ao vírus. Em suma: A técnica tem sido desenvolvida (sistemas e protocolos de saúde), mas é a política que, por sua vez, está em uma relação intrínseca com a economia (enquanto modo de produção da vida), quem determinará, em última instância, quem terá acesso ao conhecimento que é produzido pela classe

trabalhadora em todo o mundo (patente das vacinas) e, mais do que isso, quem terá o dinheiro para comprar a “saúde” para seu povo... embora, como já sabemos, dada as novas variantes, em uma pandemia, ou todos são imunizados ou ninguém estará a salvo. Ou seja, a técnica está sendo determinada pelo modo de produção.

3. Considerações Finais

Esperamos ter ensejado alguns desconfortos reflexivos nas leitoras e nos leitores que ainda estão lendo esse texto sobre capa. Nos propusemos a fazer uma breve reflexão acerca da relação entre a técnica e a luta de classes para perceber como ela se manifesta, tanto nas disputas políticas quanto no uso e apropriação das técnicas (e tecnologias) produzidas.

Nesse sentido, a terapia ocupacional tem uma tradição crítica de cariz marxista (Barreiro et al., 2020), que contribuiu demasiadamente com uma práxis revolucionária que não visa apenas a “redução da desigualdade”, mas a superação de um modo de produção de vida que é dependente da desigualdade para continuar existindo. Parte dos limites das atividades ocupacionais consiste exatamente na exploração do trabalho humano e na mercantilização da saúde. Mesmo a ideia de “inclusão”, por exemplo, condiciona às atividades humanas à possibilidade de gerar lucro (que provém do mais-valor), “excluindo”, aqueles/as que não conseguirem pagar por ele. De modo que ratificamos a defesa de Barreiro et al. (2020) de que é necessária uma prática profissional técnica, mas também ética e política, concernente com as demandas do mundo hodierno.

Por fim, a charge da capa nos ajuda a perceber que as condições de existência não são escolhidas por nós, porém dependem de nós transformá-las, como nos ensina Marx. E o homem que via o futuro no lixo, diferente do que possa parecer, não é pessimista, ele é um realista, que explica para a profissional de saúde que “tem gente fazendo tudo para jogar nosso futuro no lixo”, ou seja, nem é a natureza, nem é algum “deus”, não são máquinas, é gente de carne e osso, cujo horizonte é mediado pela exploração dos indivíduos, pelo lucro acima da vida e pela destruição da natureza para vender coisas, entre elas, a saúde.

Referências

Barreiro, R. G., Borba, P. L. de O., & Malfitano, A. P. S. (2020). Revisitando o materialismo histórico em terapia ocupacional: O papel técnico, ético e político na contemporaneidade. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 28(4). <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoRE1950>

Iasi, M. [@mauroiasi]. (2020, 20 Maio). *O homem que via o futuro na lata do lixo*. Instagram [Post]. <https://www.instagram.com/p/CAaeXJmppHC/>

Lukács, G. (2013). *Para uma ontologia do ser social. II: II* / György Lukács. Tradução Nélio Schneider (com a colaboração de Ivo Tonet e Ronaldo Vielmi Fortes). Revisão técnica Ronaldo Vielmi Fortes (com

a colaboração de Elcemir Paço Cunha). Prefácio Guido Oldrini (N. Schneider & G. Oldrini, Trads.; 1. ed). Boitempo.

Malfitano, A. P. S., Cruz, D. M. C. da, & Lopes, R. E. (2020). Terapia ocupacional em tempos de pandemia: Segurança social e garantias de um cotidiano possível para todos. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 28, 401–404. <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoED22802>

Marx, K. (2013). *O capital: Crítica da economia política ; livro primeiro - o processo de produção do capital* (R. Enderle, Trad.). Boitempo Editorial.

Marx, K. (2017). *Miséria da Filosofia*. Boitempo.

Novaes, H. T., & Dagnino, R. (2004). O fetiche da tecnologia. *Org. & Demo*, 5(2), 189–210. <https://doi.org/10.36311/1519-0110.2004.v5n2.411>

Pinto, A. V. (2005). *O conceito de tecnologia* (2a. ed). Contraponto.

Contribuição dos autores: J.M.F. foi responsável pela concepção, elaboração e revisão do texto. M.L.I. foi responsável pela imagem da capa “a charge 32 da série “o homem que via o futuro no lixo””.

Agradecimentos: À Rede TraMa pelas discussões e estudos que ensejaram a elaboração desse trabalho

Recebido em: 23/08/2022

Aceito em: 12/09/2022

Publicado em: 30/11/2022

Editor: Ricardo Lopes Correia